

2  
**REPORTAGEM ESPECIAL**

# Na 4ª série sem saber ler

**Pais se queixam que filhos passam de série sem conhecimento e chegam a pedir reprovação**

ALINE NUNES  
ANEPEH REIS  
DANIELLY MAGIONI

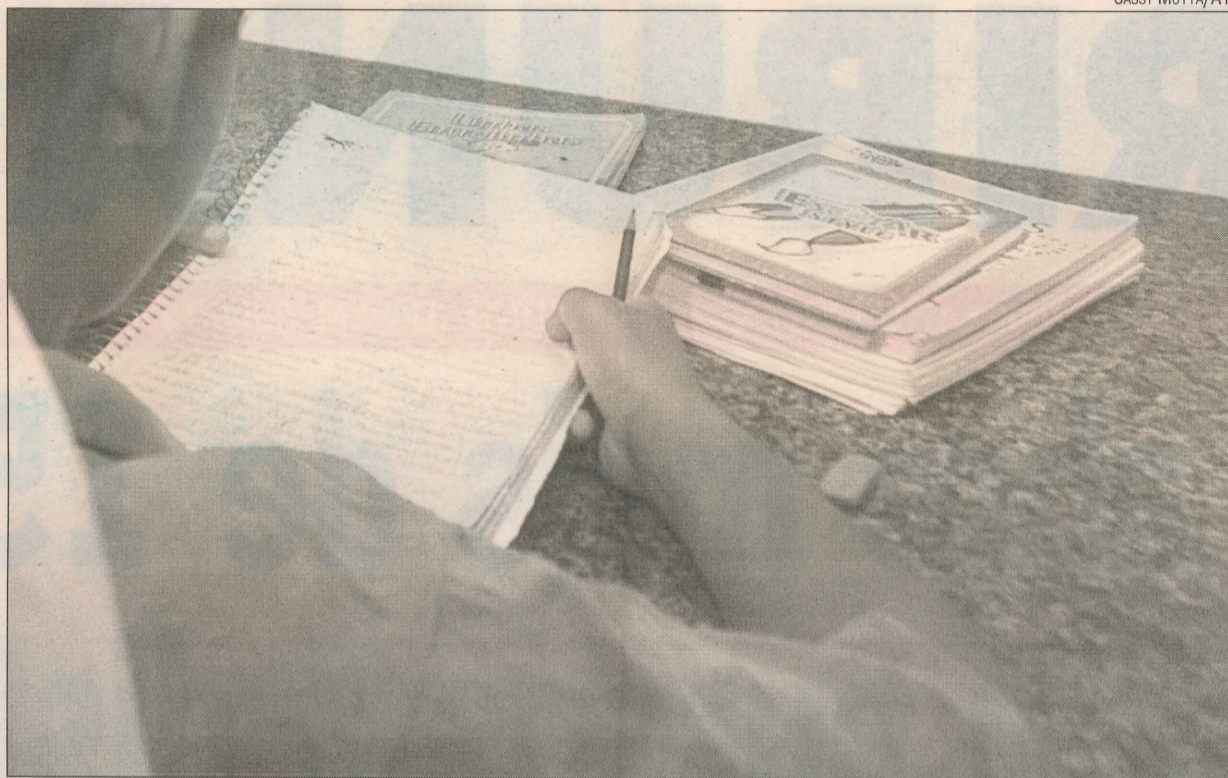
Ele tem 12 anos e descobriu o mundo dos livros há apenas um ano, quando aprendeu a ler. Matriculado regularmente em uma escola pública, ele cursou até a 4ª série do ensino fundamental sem saber escrever o próprio nome. Hoje o adolescente tem vergonha de dizer que sente dificuldades na leitura e na escrita.

Depois de ficar reprovado por três vezes, o menino garante que está começando a gostar de estudar. A mãe, uma ajudante de cozinha que não será identificada para preservar o estudante, fica feliz ao perceber que o filho está "melhorando a letra".

A letra pode estar mais redondinha, como ela diz, mas o que ele escreve é difícil de ser compreendido. A mãe atribui a dificuldade à falta de vontade do filho e também dos professores. "Ele precisa se interessar mais. Não culpo a escola, mas eles tinham que ajudá-lo. Estou até feliz com o progresso que meu filho teve, mas é triste pensar que chegou à 4ª série sem saber ler".

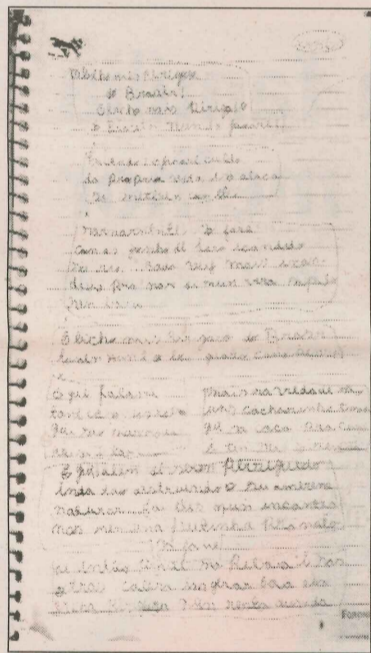
O adolescente não está sozinho. Na casa de uma doméstica de 44 anos, o filho dela, de 9, tem problemas no aprendizado. O menino está repetindo a 2ª série do ensino fundamental e não sabe ler. "Ele passou para a 2ª série, mesmo com meu pedido para que a escola o reprovasse. Eles disseram que isso era contra o método de ensino. Nas escolas públicas, são muitas crianças por sala. É difícil saber se todos estão aprendendo". Na tentativa de recuperar o tempo perdido, uma auxiliar de serviços gerais, hoje com 56 anos, decidiu que iria voltar à escola para aprender a ler a Bíblia. Na época aos 47 anos, cursando a 3ª série, ela conseguiu realizar o sonho, mas concluiu o ensino fundamental na escola pública, há 4 anos, sem ter aprendido a escrever.

"Estudei em uma sala com crianças de 12 anos, que faziam muita bagunça. Tinha dificuldade em aprender e mesmo assim concluí a 8ª série. Disse na escola que precisava estudar mais porque não sabia escrever, mas eles falaram que eu já tinha acabado meus estudos. Hoje só escrevo o meu nome". Ela aceitou o desafio de fazer um ditado, proposto por A Tribuna. Das 10 palavras sugeridas, nenhuma foi grafada corretamente. Um exemplo é a palavra "açogue", que foi escrita como "asoge".



CASSY MOTTA/AT

**Aos 12 anos, criança começa a melhorar a letra e a gostar de estudar**



**Ditado do estudante de 12 anos que aprendeu a ler há um ano, na 4ª série**

**"O BICHO MAIS PERIGOSO DO BRASIL!"**

"Obicho nais pirigoso do Brasil nun e o jacare!

Coitado! O jacare cuida da propria vida eso alaca se mexeren con ele.

Narnamente, so fara con os zoinho di fora scandido no rio. Cada veiz mais iscandido pra nar de mun vira sapalo nen bosa.

O bicho mais pirigoso do Brasir tanen nun e o lo guaro cano pensei.

E gui falana tant coco dois lob gui sao marvado acusa i tar.

Mais na vedade são uns cachorrinho timid gui sa cacca pra cume i ten medo scenção.

E gui, alen di seren persiguido inda tao destruindo o su amerene naturar...Jai eles nun encontra nais men una frutinha pra naa ga fome.

Ai intão pense ma ribaia i nas otras cobra im gerar eaa eun bicha pirigosa nun

resta duvida".

**O que ele quis dizer**

**O BICHO MAIS PERIGOSO DO BRASIL**

"O bicho mais perigoso do Brasil não é o jacaré.

Coitado! O jacaré cuida da própria vida e só ataca se mexerem com ele.

Normalmente, só fica com os olhos de fora, escondido no rio. Cada vez mais escondido para não virar sapato, nem bolsa.

O bicho mais perigoso do Brasil também não é o lobo-guará, como pensam.

É que falam tanta coisa dos lobos que são malvados, ou coisa e tal.

Mas na verdade são uns cachorrinhos tímidos que só caçam para comer e têm medo... (não foi possível decifrar).

E que, além de serem perseguidos, ainda estão destruindo o seu ambiente natural... Daí, eles não encontram mais nenhuma frutinha para matar a fome.

Aí então pensei na jibóia e nas outras cobras em geral. Elas são o bicho mais perigoso, não resta dúvida".

**PAIS PEDEM SOCORRO**

**"PEDI PARA REPROVAR MEU FILHO"**

"Meu filho não está aprendendo. Ele reclama que a professora não sabe ensinar, mas sei que é preguiça dele, e também dificuldade. Na verdade, ele tem 9 anos e não sabe ler, escreve só o nome. Ontem ele me falou que quer fazer faculdade.

O mais triste disso é que meu filho está repetindo a 2ª série. Eu pedi na escola que ele fosse reprovado na 1ª série, porque não sabia nada, mas a escola disse que era contra os métodos."

**Depoimento de uma doméstica de 44 anos.**

**"ELA ESCREVEU 'SÓ' COMO 'CÓ'"**

"Tenho duas filhas, uma que está na 3ª série e outra na 5ª. A menor, de 9 anos, tem muita dificuldade na leitura e escreve muito mal. Ela não é como as crianças da idade dela. Outro dia escreveu a palavra "só" como "cô". Achei absurdo.

Já a mais velha, de 11 anos, tem dificuldade de raciocínio, não sabe fazer conta. A sala da mais nova tem 35 alunos e não há como o ensino alcançar a todos, alguns passam sem saber."

**Depoimento de uma agente comunitária de saúde de 35 anos.**

**"ELE PRECISA SER AJUDADO"**

"Depois de ficar reprovado três vezes, meu filho conseguiu aprender a ler aos 11 anos. Hoje ele está na 4ª série e agora que está desenvolvendo a leitura. Até o ano passado, ele tinha dificuldade de escrever, mas a letra dele está melhorando.

Meu filho tem muita preguiça de estudar, mas as professoras tinham que forçá-lo de alguma forma. Ele precisa ser ajudado porque é apenas uma criança."

**Depoimento de uma ajudante de cozinha de 32 anos.**

## "Despreparo até na rede particular"

"Durante três anos trabalhei como professor de uma disciplina técnica numa faculdade particular em Vitória. Antes, havia passado pela experiência de um ano como professor substituto na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

A transição foi um choque

por conta do tremendo despreparo de parte dos alunos da instituição particular. Eram problemas sérios, oriundos de um processo de alfabetização malfeito. Difícil era entender como tinham chegado à faculdade.

Não garanto que tenham aprendido na faculdade o que não

aprenderam no momento certo - o ensino fundamental."

**Professor universitário, 42 anos, que pediu para não ser identificado a fim de preservar a instituição de ensino particular.**

**DEVERIAM SABER**

**Ao sair da 4ª série**

**Português:** No mínimo, produzir, ler e interpretar textos, com pontuação correta, coerência e seqüência lógica. Saber reconhecer textos informativos, descritivos, narrativos e poesias.

**Matemática:** Noções básicas para contar, numerar, classificar e as operações fundamentais: somar, diminuir, multiplicar e dividir.

**Ao sair da 8ª série**

**Português:** Verbos e conjugação, análise de frases, orações, textos.

**Matemática:** Identificar números inteiros, naturais, decimais, fração.

Fonte: Professores consultados.

**OPINIÃO**

"Há, nas escolas atuais, pouca exigência em termos de disciplinas. Em alguns casos as provas são substituídas por trabalhos e isso acaba recompensando os alunos que não participam. Observo que o estudo deixou de ser uma descoberta para se tornar repetitivo. As escolas precisam mostrar que o que está escrito no livro pode ser aplicado. Isso motiva a criança."

**Joel de Oliveira Tomé, 42 anos, técnico de inspeção.**

"A educação precisa ser melhorada em vários aspectos, como a questão da pedagogia ser mais voltada para a área do trabalho e do social. As escolas públicas precisam melhorar. Percebo que as particulares trabalham muito a parte econômica. O aluno é individualista, ele não é preparado para a vida. Vejo que cada vez menos eles percebem os problemas da sociedade."

**Márcia Nunes, 43 anos, psicopedagoga.**

"Quando pensamos em educação, sempre achamos que precisa haver melhora, inclusive nas escolas particulares, que têm mais recursos e são mais organizadas. Mas quando as comparamos às escolas públicas, percebemos que o ensino pago é suficiente. Pela quantidade de impostos que pagamos, a escola gratuita deveria ser de excelente qualidade, como era no passado."

**César Augusto Garcia, 48 anos, biólogo.**

# Métodos de ensino são avaliados

*Nem tradicional nem construtivista: muitos educadores defendem a mistura dos dois sistemas como forma de melhorar o aprendizado*

Muito se questiona se os métodos de ensino hoje utilizados nas escolas do Estado não contribuem para resultados negativos, como repetência, evasão e o pior: a falta de aprendizado.

Avaliando as metodologias, alguns educadores não optaram por construtivismo ou o sistema tradicional – os mais usados na sala de aula –, pois defendem a mistura do melhor de cada um.

Professora de Português de escolas da rede pública estadual e municipal, Jane Lindolfo tem como referência nas instituições em que trabalha o construtivismo, o qual tem como princípio básico estimular os alunos a “construir” o aprendizado a partir de sua realidade.

Jane utiliza o método, mas falou que não se prende apenas a essa visão de ensino.

“Temos que considerar os limites dos alunos e recorrer também ao sistema tradicional. Se um aluno me entrega um texto em que falta seqüência lógica, não posso dar apenas um visto e deixar para lá porque ele usou o pensamento dele. Vou trabalhar esse texto, de repente transcrevê-lo no quadro para que, junto com a turma, possam ser feitas melhorias”, observou.

“Assim, a criança vai tendo noção de como escrever e aprenderá a consultar o professor quan-

do tiver dúvidas. Fazer isso não é fácil, porque trabalhamos com turma superlotada, mas é o caminho”, acrescentou a professora e secretária-executiva do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes).

## MISTURA

Diretora pedagógica do Colégio Renovação, a educadora Maria Lila Martins Moura Sá também defende a mistura de métodos para conseguir atingir todos os alunos e considera fundamental desenvolver atividades transpondo o muro da escola.

“O problema de hoje em dia, principalmente de estudantes da rede particular, é que não sabem ser crianças. Muitos nunca subiram em árvore ou tomaram banho de cachoeira. Na escola, fazemos passeios para levá-los em sítios onde possam conhecer a galinha, saber que ela tem penas, e não é aquela coisa mórbida, gelada, que a mãe compra no supermercado”.

Nas escolas de Vitória e Vila Velha, a metodologia é o sócio-construtivismo. Na Serra, a orientação é pelo construtivismo, mas os professores têm autonomia para adotá-lo ou não.

Em Cariacica, também são os educadores que escolhem a melhor forma de ensino. As informações são das secretarias municipais.

## ENTENDA A DIFERENÇA

**MÉTODO CONSTRUTIVISTA:** A escola tem de estimular o agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida por alunos e professores, isto é, pela sociedade.

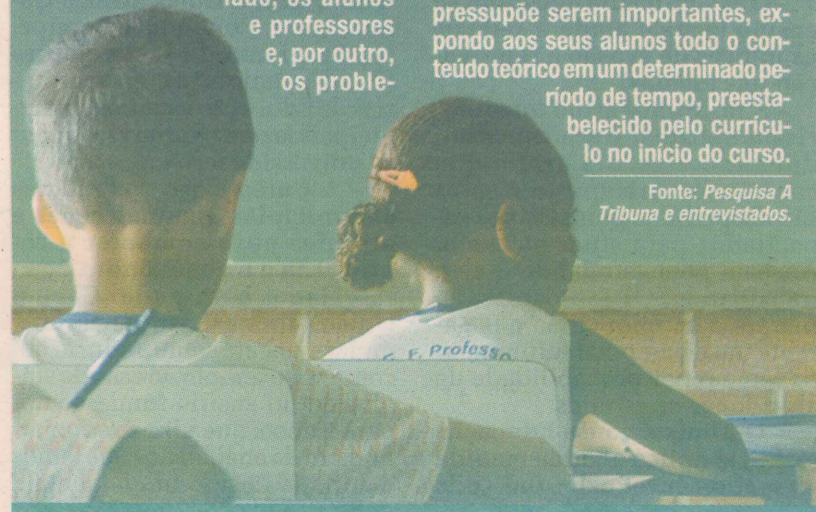
A educação deve ser um processo de construção de conhecimento ao qual ocorrem, de forma complementar, por um lado, os alunos e professores e, por outro, os proble-

mas sociais atuais e o conhecimento já construído.

**MÉTODO TRADICIONAL:** Sistema educacional que consiste em fazer repetir, recitar, aprender, ensinar o que já está pronto.

A principal fonte de conhecimento é a figura do professor, que traz consigo todas as informações que pressupõe serem importantes, expondo aos seus alunos todo o conteúdo teórico em um determinado período de tempo, preestabelecido pelo currículo no início do curso.

Fonte: Pesquisa A Tribuna e entrevistados.



## QUAL O MELHOR MÉTODO?

ANTONIO MOREIRA - 18/04/2006



“O problema da qualidade de ensino não é propriamente em decorrência dos métodos. Para mim, o maior problema é a falta de definição de um padrão de qualidade do ensino brasileiro.

De imediato, para mudar esse cenário, acho que é preciso um debate sério sobre o que é o mínimo indispensável para obter qualidade.

As secretarias de Educação têm de começar a pensar nos cursos de formação continuada dos professores, menor número de alunos em sala, escolas bem equipadas.

Quanto aos métodos, os melhores são aqueles que, evidentemente, conduzem o jovem a refletir e não a reproduzir. Os métodos tradicionais eram usados pelos jesuítas.”

**Gilda Cardoso de Araújo,**  
doutora em Educação na  
área de Políticas Educacionais  
e professora da Ufes.

CASSY MOTTA/AT



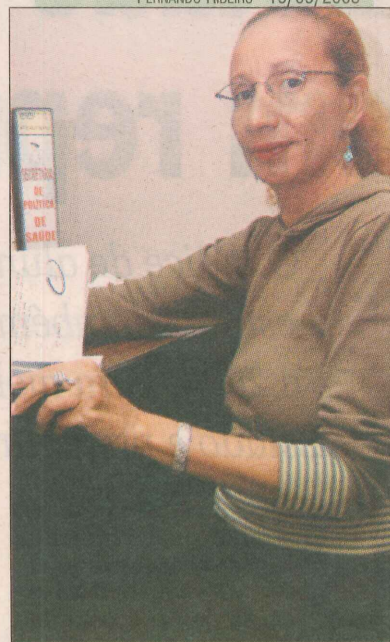
“Acho que um método sozinho não funciona, é preciso interagir as metodologias. Temos crianças diferentes, de diversos lares. A educação tem de ser dosada porque com o material (aluno) que trabalhamos não podemos ter falhas.

Se uma criança se adapta à aula tradicional, é assim que vamos trabalhar. Mas tem a que voa, brincando com o lápis. Essa precisa de outra dinâmica. Por isso, o planejamento tem de ser flexível, misturando os métodos para garantir o aprendizado.

Mas poderia dizer que todas as escolas são construtivistas, pois buscam ‘construir o conhecimento’. O que falta em muitos casos é fazer isso com elementos palpáveis, de acordo com a realidade de cada um.”

**Maria Lila Martins Moura Sá,**  
educadora e diretora  
pedagógica do Colégio  
Renovação.

FERNANDO RIBEIRO - 19/09/2005



“A maioria das escolas trabalha com a metodologia construtivista. Eu não me prendo só a um método porque é orientador da escola. O que é tradicional e funcionou comigo também aplico em meus alunos. Estudei na época da ditadura pelo tradicional, mas leio muito e consigo absorver o que há de melhor em um e outro.

O que o construtivismo tem de bom é a liberdade que dá à criança de exercer o ritmo dela. E o professor orienta nessa caminhada. Mas a criança também precisa de regras, porque, do contrário, não funciona. Então, com o método tradicional, uso exercícios de fixação. Para mim, são fundamentais.”

**Jane Lindolfo,** secretária-executiva do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes) e professora da rede pública.

## Empresário critica construtivismo

À frente da Philips no Brasil, empresa que tornou-se referência em projetos sociais voltados para a educação, o executivo Marcos Magalhães é um crítico do construtivismo. Para ele, o País deveria abolir essa metodologia, assim como fizeram Estados Unidos e França.

Com os alunos de escola pública, o problema está na falta de referências para a “construção do conhecimento”.

São crianças e jovens que, na maioria dos casos, não têm acesso a livros, cinema, informática. Em relação aos da rede privada, os estudantes podem até ter as

referências mas, na avaliação de Magalhães, pelo método construtivista não conseguem aprender o significado de nada.

Para o presidente da multinacional, que falou para um público de 1,5 mil pessoas durante o Fórum de Responsabilidade Social – promovido pela Rede Tribuna de Comunicação nesta semana – o Brasil é um País de segunda categoria por não ter política educacional e insistir na metodologia construtivista.

Magalhães disse que já comentou sobre o assunto com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva,

em um encontro em São Paulo, mas a resposta teria sido de que esse é um problema dos prefeitos.

O executivo discorda, entre outras razões, pelos dados que apontam gastos do governo com alunos repetentes em escolas públicas, de 1ª a 8ª série: R\$ 6 bilhões.

Na opinião de Magalhães, a mudança da política educacional tem de ser uma ação de todos os níveis de governo e, especialmente, deve contar com o envolvimento dos empresários para que, de fato, seja possível obter resultados positivos.

## “Só aluno que aprende é aprovado”

O presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Espírito Santo (Sinepe), Alexandre Theodoro, informou ontem que, independentemente dos métodos educacionais seguidos pelas escolas e faculdades particulares, as instituições só aprovam alunos que têm conhecimento suficiente.

“As nossas instituições só avançam os estudantes que, ao longo do ano letivo, tenham alcançado conhecimento suficiente para a aprovação escolar. Só os que aprendem são aprovados. Entendo que o pano de fundo do construtivismo seja a inclusão, mas não podemos concordar que as escolas ‘empurrem’ o aluno sem que ele tenha condições”, afirmou Alexandre

Theodoro.

Ele explicou que, quando os alunos vão mal, os educadores convidam os pais para explicar e ajudar na recuperação.

“Fazemos a recuperação paralela, mas seja no método construtivista seja no cartesiano, os alunos são preparados para serem aprovados somente com o domínio do conhecimento”.

Alexandre Theodoro também elogiou a rede pública de ensino. Revelou que a nota média dos oito mil estudantes que ingressaram este ano nas faculdades particulares graças às bolsas do Programa Universidade para Todos (Prouni) é 8,7 neste primeiro semestre.

“Fizemos uma pesquisa e concluímos que a maioria dos estu-

dantes, que são oriundos da rede pública de ensino e têm renda familiar de até 1,5 salário mínimo, tem nota muito boa, que chega quase a nove no primeiro semestre”, comemorou.

Ele informou que o Sinepe realizará outra pesquisa, no segundo semestre, com estudantes que entraram nas faculdades particulares através do Nossa Bolsa, programa do governo estadual que abriu seis mil vagas para alunos carentes.

“A pesquisa no Prouni mostra que os estudantes, mesmo com dificuldades na rede estadual de ensino, levaram os estudos a sério e hoje aproveitam com sabedoria a oportunidade em cursos superiores”, disse Alexandre Theodoro.